

**ESTUDO DIACRÔNICO DA ORDENAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES CAUSAIS COM
PORQUE E POR+INFINITIVO SOB A PERSPECTIVA DE PRINCÍPIOS FUNCIONAIS
DIACHRONIC STUDY OF ORDERING OF CAUSAL CONSTRUCTIONS WITH
PORQUE AND POR+INFINITIVE BASED ON FUNCTIONAL PRINCIPLES'
PERSPECTIVE**

Mayra França Floret¹

Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva²

RESUMO

As construções causais conectadas por *porque* e *por+infinitivo* compartilham diversas semelhanças. Dentre elas, destaca-se a flexibilidade de posição da oração causal, que pode ser anteposta, posposta ou interposta à oração efeito. Neste artigo, investigamos a relação entre essas diferentes possibilidades de organização e princípios funcionais mais gerais, quais sejam, iconicidade e distribuição de informação, nos períodos clássico e moderno do português. O objetivo central é discutir possíveis mudanças na organização sintagmática dessas construções, motivadas pela própria representação da relação causal, que pressupõe que causas precedem seus efeitos e pelo princípio discursivo de que informação velha precede informação nova. Para tanto, analisamos uma amostra de textos não literários produzidos entre os séculos XVII e XX/XXI. Através de uma análise quantitativa, mostramos que, contrariando as expectativas, tanto as orações causais com *porque* como as com *por+infinitivo* são predominantemente pospostas à oração efeito no intervalo de tempo considerado, independentemente do seu estatuto informacional e da sequencialidade entre os estados de coisas codificados, indicando a fixação de uma ordem *default*.

Palavras-chave: construções causais; porque; por+infinitivo; ordenação; mudança.

ABSTRACT

The causal constructions connected by *porque* and *por+infinitive* share many similarities. Among them, there is the flexibility of position of the causal clause, which can come before, after or between the effect clause. In this article, we investigate the relation between these different possibilities of organization and general functional principles - iconicity and distribution of information – in Classic and Modern periods of Portuguese language. The main goal is to discuss possible changes in the syntagmatic organization of these constructions, motivated by the representation of causal relation that presupposes that causes precede effects and by the discursive principle that given information precedes new information. In this regard, we analyze a *corpus* of non literary texts written between 17th and 20/21st centuries. Through a quantitative analysis, we show that, contrary to expectations, causal clauses with *porque* and *por+infinitive* come predominantly after the effect clause in this time interval (17th – 21st), regardless of information status and sequentiality, which indicates the establishment of a default order.

Keywords: causal constructions; porque; por+infinitive; ordering; change.

1 Mestre e doutoranda em Linguística pela UFRJ. E-mail: mayrafloret@yahoo.com.br.

2 Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. E-mail: paiva@club-internet.fr..

Introdução

A rede de construções causais³ do Português abarca diversos conectores, dentre eles *porque* e *por+infinitivo* que, além de serem muito frequentes na expressão da relação causa-efeito, são derivados da mesma base: a preposição *por* (AMORIM, 2016; BARRETO, 1999; BRAGA; PAIVA, 2011a, 2011b; FLORET, 2018; OLIVEIRA, 2020). Construções causais com *porque* e *por+infinitivo* partilham também a flexibilidade posicional da oração que introduzem, que podem ser antepostas, pospostas ou interpostas em relação à oração núcleo, como mostram os exemplos de (1) a (6):

Anteposta

(1) Seguiu-se ao cortamento dos mastros, o desfazer as obras mortas, com igual lastima, que cônfusão; *por serem todas de entalhamêto precioso, ficou assi o navio mais leve*; (Século XVII – Epanáforas de vária história portuguesa).

(2) e *porque* *havemos de distinguir tempos e anos, sinalar províncias e cidades, nomear nações e ainda pessoas (quando o sofrer a matéria), isso, sem ambição nem injúria de ambos os nomes, chamamos a esta narração história e História do Futuro* (Século XVII – História do futuro).

Posposta

(3) A seca, enquanto desastre, não ocorre em regiões onde as precipitações são reduzidas em caráter permanente, *porque* *nessas a sociedade e a biocenose que sobrevive na área estão adaptadas às condições climatológicas adversas do biótipo* (Século XXI – Manual de desastres).

(4) Afirma-se que caindo em Varatojo uma pedra da abóbada de uma sacristia esmagara um homem que todos tiveram por morto ; instou o guardião que o deitassem sobre a sepultura de Frei António das Chagas , repugnaram os frades *por lhes parecer inútil* , mas obedecendo , tanto que o deitaram se sentou pedindo os sapatos que lhe haviam tirado , e continuou o trabalho , e tudo se pretende autenticar (Século XVIII – Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora).

Interposta

(5) o mesmo que hoje nos agrada, amanhã nos desgosta, e os objectos, *por serem os mesmos*, não causam sempre em nós as mesmas impressões; (Século XVIII – Reflexões sobre a vaidade dos homens).

³ A escolha pelo termo construção, ao invés de período como tratado pelas gramáticas tradicionais, reflete o nosso entendimento de que relação causal estabelecida entre duas orações envolve, necessariamente, propriedades formais e semânticas de cada um dos segmentos ligados pelo conector.

(6) Os Conselheiros de Estado do Reyno, *porque se lhe não comunicàra a causa, de que procedeo este efeito*, deixavão que a Princeza, e os Ministros que nelle intervierão, lidassem só, por só, com os inconvenientes; (Século XVII – Epanáforas de vária história portuguesa).

Diversos autores (cf. PAIVA, 1991, 1995; NEVES, 1999; SILVA, 2008, AMORIM, 2017; FLORET, 2016, 2018; OLIVEIRA, 2020, dentre outros) já atestaram que, apesar dessa flexibilidade, as orações causais com *porque* e *por+infinitivo* tendem a uma posição não marcada, a posposição. Nesse sentido, seguem o que, para muitos autores, é uma tendência mais geral das orações adverbiais, qual seja, a de seguirem a oração núcleo com que se relacionam (cf., por exemplo, DIESSEL, 2001, 2005). Em consequência, outras posições, como a anteposição da oração causal, tendem a ser menos frequentes e a ocorrerem em contextos específicos, discursivamente mais marcados (PAIVA, 1991; SCHIFFRIN, 1985; SILVA, 2008)⁴.

Uma questão relevante diz respeito à motivação dessa tendência por princípios funcionais mais gerais, tais como o princípio de iconicidade e de distribuição de informação. Em que medida a posição das orações causais com *porque* e *por+infinitivo* reflete pressupostos inerentes à noção de causalidade, como o de sequencialidade temporal entre causa e efeito ou uma determinada configuração informacional da construção? Neste artigo, retomamos esta questão através de uma análise diacrônica da posição das orações causais encabeçadas por *porque* e *por+infinitivo*. Nosso objetivo central é verificar se, ao longo do tempo, houve mudanças significativas na configuração sintagmática das construções causais com esses conectores e em que medida essas mudanças teriam sido motivadas pela ação dos princípios de iconicidade e distribuição de informação.

A possível ação desses dois princípios é verificada por meio da análise da sequencialidade entre os estados de coisas relacionados e do estatuto informacional das orações causa e efeito em uma amostra constituída por textos representativos dos períodos clássico (século XVII e XVIII) e moderno/contemporâneo do português (século XIX a XXI) (cf. MATTOS E SILVA, 2008). Partimos da hipótese de que mudanças na posição das orações causais com *porque* e *por+infinitivo* teriam resultado de uma acomodação da organização sintagmática desses enunciados causais a princípios funcionais mais gerais, como o princípio de iconicidade e o princípio de “ponto de partida leve”, retomados mais detalhadamente na seção seguinte.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, retomamos alguns pontos centrais

4 Paiva (1991) aponta várias outras explicações para a menor frequência de anteposição das orações causais, dentre elas, o fato de que, em muitos casos, não é possível saber se a oração causal anteposta está ligada ao discurso anterior ou à oração núcleo seguinte.

acerca dos princípios de iconicidade e de distribuição de informação. Na seção 2, apresentamos a amostra utilizada para a análise. Nas seções 3 e 4, discutimos o efeito desses princípios, mensurados através da análise da sequencialidade dos estados de coisas codificado na construção causal e do estatuto informacional das orações que codificam a causa e o efeito.

1. Forma e função: iconicidade e distribuição de informação

Iconicidade e estatuto informacional são conceitos e parâmetros centrais numa perspectiva da língua em uso, pois permitem explicar a influência de aspectos ligados à representação cognitiva e à interação entre os interlocutores no uso da língua. O princípio de iconicidade coloca em destaque a relação entre forma linguística e significado. Assim, de acordo com Haiman (1980, 1983), a estrutura linguística reflete a forma como conceptualizamos a realidade, sendo, portanto, motivada. Para o autor, essa hipótese de motivação icônica se desdobra em alguns corolários, que envolvem todos eles algum tipo de distanciamento, seja ele conceitual ou social. O primeiro diz respeito ao fato de que a distância física entre duas expressões no texto corresponde à distância conceitual que existe entre elas. Expressões conceitualmente distantes são aquelas que não compartilham propriedades semânticas, não afetam uma à outra ou são concebidas como separáveis. Considerando a articulação entre orações, Haiman (1983), propõe, por exemplo, que há maior distância conceitual entre duas orações separadas por uma conjunção.

Numa perspectiva de iconicidade, elementos linguísticos que são conceitualmente independentes tendem a estar separados em uma sentença quando um deles não é requerido como parte necessária de outro. Numa direção inversa, conceitos que são representados como estreitamente interligados um ao outro tendem a estar mais próximos em uma expressão. O autor destaca o sequenciamento de eventos no texto como um caso ilustrativo de motivação icônica. Aplicando ao enunciado causal o pressuposto de que a língua reflete nossa forma de representação da realidade, podemos esperar que, como a relação causal pressupõe dois estados de coisas concebidos como sequenciais, linearmente a oração causal preceda a oração efeito.

Um outro corolário do princípio de iconicidade é o de correspondência entre distância social e extensão da mensagem. Na interação, o falante constrói seu discurso de acordo com o que julga ser apropriado para seu interlocutor em determinada situação. Assim, quanto maior é a assimetria entre os interlocutores, maior será a quantidade de material linguístico utilizado na transmissão da mensagem. Dessa maneira, registros mais formais tendem a exigir maior quantidade de material linguístico do que situações cotidianas de uso da língua entre pares.

Para além de aspectos ligados à forma de conceptualização da realidade, numa perspectiva de análise que coloca o foco na relação entre o uso e a estrutura linguística destaca-se também a importância da forma de embalagem do discurso na organização sintagmática dos enunciados linguísticos. Como já demonstraram diversos autores, podemos, nos termos de Chafe (1976), “embalar” uma mesma mensagem de diferentes formas, considerando, entre outros fatores, aquilo que acreditamos que o ouvinte já conhece. (cf. também RAFAJLOVICOVÁ, 2010). Essa questão é tratada mais frequentemente a partir da distinção entre referentes, normalmente sintagmas nominais, que codificam informação nova ou velha/dada (*Given-new principle*). Evidentemente, um problema prévio diz respeito ao critério para classificar o estatuto informacional de constituintes linguísticos.

Para Chafe (1976), a distinção velho/novo se baseia na avaliação que o falante faz a respeito daquilo que o ouvinte/interlocutor conhece no momento da enunciação. Sendo assim, é considerada velha/dada a informação que o falante supõe já ser partilhada pelo seu ouvinte. Se, por outro lado, o falante avalia que determinada informação não faz parte do conhecimento prévio do ouvinte no momento da enunciação, essa informação constitui informação nova. Para Clark e Haviland (1977), por outro lado, o estatuto informacional de um referente envolve o grau de ativação de uma informação na memória. Para os autores, um contrato entre falante e ouvinte no momento da interação linguística determina que o falante organize as informações com base em uma avaliação do que está ativo ou não durante a comunicação. Se uma informação é conhecida, o ouvinte busca um antecedente em sua memória. Se uma informação é nova, então o ouvinte acrescenta essa informação à sua memória tornando seu acesso disponível em uma situação futura. Segundo os autores, se o ouvinte/interlocutor não consegue acessar um referente, utiliza outros processos para interpretar a sentença. Nesse caso, relaciona o novo referente a outros já conhecidos, de forma que seu conhecimento prévio contribui para a identificação da informação nova.

Prince (1979), por sua vez, propõe critérios de natureza discursiva na determinação do estatuto informacional de constituintes. Para a autora, um constituinte carrega informação nova quando seu referente está sendo introduzido pela primeira vez no discurso. Por outro lado, quando uma informação já foi mencionada em um ponto anterior do discurso, receberá o estatuto de informação velha. Uma situação intermediária é aquela em que, mesmo não tendo sido mencionada explicitamente, uma informação pode ser recuperada através de informações já mencionadas, ou seja, inferida do discurso precedente. Esse caso envolve mais diretamente suposições por parte dos falantes no momento do discurso.

Segundo Chafe (1984), a organização do fluxo informacional no discurso é regida por um princípio de “ponto de partida leve”, ou seja, o falante/escritor tende a partir daquilo que já é familiar (informação velha) para aquilo que está sendo acrescentado ao conhecimento do interlocutor

no momento da enunciação (informação nova). Conforme Rafajlovicová (2010), uma informação nova recebe maior proeminência e tende, conseqüentemente, a ocupar a posição final, constituindo, portanto, o foco. Aplicando esse princípio às construções causais, podemos esperar que a primeira oração apresente informação familiar (velha) e seja seguida por uma oração com informação nova.

Nas seções 3 e 4, discutiremos a forma como o efeito dos dois princípios aqui brevemente retomados opera sobre a organização sintagmática dos enunciados causais com *porque* e *por+infinitivo* ao longo do recorte temporal considerado neste estudo. Antes, porém, especificamos a amostra e os procedimentos utilizados no desenvolvimento da análise.

2. Procedimentos de análise

A amostra analisada para a verificação da hipótese colocada neste artigo é composta por três textos para cada século, totalizando 12 textos. Para assegurar o equilíbrio na quantidade de material linguístico de cada período (clássico e moderno/contemporâneo), utilizamos o critério do número de palavras de cada texto. Dessa forma, o número de palavras do período clássico (284811 palavras) é próximo ao número de palavras do período moderno/contemporâneo (302145 palavras). O quadro 1 apresenta a relação dos textos por século.

Quadro 1 – Relação dos textos da amostra

| Texto | Século | Número de palavras |
|--|--------|--------------------|
| Epanáforas de vária História portuguesa | XVII | 64337 |
| História do futuro | XVII | 50512 |
| Sermões Pe. Antonio Vieira | XVII | 53855 |
| Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora | XVIII | 56771 |
| Reflexões sobre a vaidade dos homens | XVIII | 56211 |
| Processos e crimes do século XVIII | XVIII | 3125 |
| Atas dos brasileiros | XIX | 53529 |
| Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna | XIX | 60919 |
| Como e porque sou romancista | XIX | 9405 |
| Provocações e debates: contribuições para o estudo do Brazil social | XX | 92617 |
| Capitalismo, trabalho e formação profissional: dilemas do trabalho dos assistentes sociais em Ribeirão Preto | XXI | 36000 |
| Manual de desastres: desastres naturais | XXI | 49675 |
| Período clássico (XVII - XVIII) = 284811 palavras | | |
| Período moderno/contemporâneo (XIX - XXI) = 302145 palavras | | |

Fonte: FLORET, 2018, p. 46.

O texto *Epanáforas de vária história portuguesa*, de 1660, narra fatos históricos e políticos de Portugal e se divide em cinco partes. Por ser um texto muito longo, consideramos apenas a primeira metade do texto, buscando manter o equilíbrio no número de palavras. O texto *História do futuro* é uma obra de Padre Antônio Vieira em que o autor prevê a criação de um império português e cristão que poderia dominar o mundo no futuro. O último texto é composto por sermões do Padre Antônio Vieira, de 1679 a 1695, constituindo um texto bem representativo do domínio religioso.

Para o século XVIII, selecionamos o texto *Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora*, datado de 1729 a 1731. Esse texto reúne pequenas notícias sobre acontecimentos sociais e pessoais. Outro texto, *Reflexão sobre a vaidade dos homens*, de caráter filosófico, discute o comportamento humano no que diz respeito à vaidade. Por fim, o texto *Processos e crimes do século XVIII* inclui relatos de pessoas que, por ocasião de sua morte, deixam seus bens para outras.

O primeiro texto do século XIX é o *Atas dos brasileiros*, escrito entre 1860 e 1869. Esse texto inclui diversas atas de reuniões que tratam de assuntos bastante distintos. O texto *Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna*, datado de 1861, expõe memórias do autor sobre fatos sociais, históricos e políticos por ele vivenciados. O texto *Como e porque sou romancista*, de José de Alencar, é uma autobiografia literária do autor.

Para o século XX/XXI, foi selecionado o texto *Provocações e debates: contribuições para o estudo do Brasil social*, de 1910, em que o autor expõe opiniões a respeito das condições sociais do Brasil. Do ano de 2003, incluímos o texto *Manual de desastres: desastres naturais* que é um texto elaborado pelo governo federal acerca de desastres que podem ser provocados por desequilíbrios ambientais. Finalmente, o texto *Capitalismo, trabalho e formação profissional: dilemas do trabalho dos assistentes sociais em Ribeirão Preto*, o mais atual da amostra, escrito em 2015, constitui um texto acadêmico em que o autor relata a forma como assistentes sociais conduzem seus trabalhos em situações cotidianas.

Apesar do controle na extensão da amostra e da tentativa de dirimir o efeito possível da variável gênero, através da diversificação dos textos que compõem a amostra, é preciso considerar que, dada a sua natureza, este estudo apresenta limitações inerentes ao próprio estudo diacrônico. Como apontam Labov (1994) e Paiva e Duarte (2003), diversas dificuldades caracterizam o estudo da mudança com base em amostras de períodos pretéritos. Em primeiro lugar, não é possível contar com o testemunho de falantes nativos que viveram nos séculos passados e os textos a que temos acesso hoje sobreviveram por acaso, resultado de acontecimentos históricos imprevisíveis. Além disso, testemunham, na maioria

dos casos, traços linguísticos da região à qual pertencem seus autores. Cumpre destacar, também, que a forma falada da língua em um período mais remoto não pode ser fielmente capturada, já que textos escritos refletem um certo esforço de padronizar a língua em termos de uma norma. É preciso levar em conta, ainda, o problema de que uma forma não atestada nos textos pode apenas não ter sido utilizada naqueles contextos, o que não significa que ela seja impossível na língua.

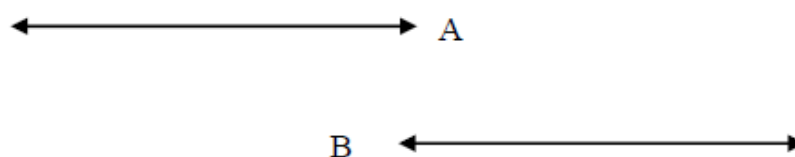
Para além dessas questões, existe a dificuldade em compreender o contexto em que o texto foi produzido. Não sabemos ao certo a posição social do autor e nem as crenças da comunidade da qual o texto faz parte. Deve-se mencionar ainda o risco de que copistas e editores tenham alterado o texto que chegou até o pesquisador. Cabe, portanto, ao linguista a responsabilidade por fazer escolhas a respeito de sua amostra; é ele quem deve tomar decisões sobre a representatividade de tal texto para o período analisado e, principalmente, avaliar as chances de ocorrência do fenômeno estudado em determinado texto. Todos esses obstáculos, somados a muitos outros encontrados no curso do desenvolvimento da pesquisa, tornam a constituição de um *corpus* diacrônico uma tarefa bastante complexa.

Nas seções seguintes, focalizamos as propriedades tomadas como indicativas da possível ação dos princípios de iconicidade e de distribuição de informação sobre a posição das orações causais com *porque* e *por+infinitivo* do século XVII ao século XX/XXI.

3. Sequencialidade dos estados de coisas

Causa e tempo são noções estreitamente relacionadas. De acordo com Paiva (1996), dentre outros pressupostos implícitos à noção de causa, se destaca o de sequenciamento temporal dos estados de coisas relacionados. Se uma causa é o gatilho/fonte para a ocorrência de uma consequência ou efeito, o estado de coisas codificado na oração causal é concebido como anterior ao ponto inicial do estado de coisas codificado na oração efeito/consequência, um princípio que se aplica ao caso de relações causais no domínio referencial. Ao distinguir diferentes formas de relação temporal, Kortmann (1997) inclui a relação sequencial no grupo de anterioridade/posterioridade, já que sempre está implicado o término do processo ou evento que possibilita a ocorrência de um outro. Numa linha do tempo, esse pressuposto pode ser esquematizado como na figura 1:

Figura 1 – Relação sequencial entre causa e efeito



Fonte: FLORET, 2018, p.64.

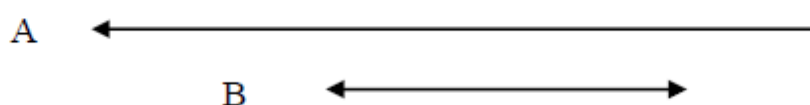
O exemplo (7) se conforma a essa definição:

(7) Estavam então ausentes de Lisboa alguns de os meus próximos parentes e íntimos amigos de meu Pai, Mãe e Avó, os quais eu não conhecia senão de nome, começando por minha própria Avó e por meu tio, o Marquês de Alorna, **porque em 1804 tinham sido mandados sair de a Corte , uns em comissões honrosas, outros desterrados** (Século XIX - Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna).

Em (7), a oração de causa *porque em 1804 tinham sido mandados sair de a Corte* está completamente concluída quando tem início o estado de coisas codificado na oração consequência, o de o autor só conhecer esses parentes de nome.

Entretanto, como mostra Paiva (1996), em muitos casos, embora o estado de coisas fonte tenha início antes do estado de coisas codificado na oração consequência, os dois se superpõem por um período de tempo, já que a ocorrência da consequência não requer o término do estado de coisas fonte. Nos termos de Kortmann (1997), trata-se, nesse caso, de *simultaneidade coextensiva*, tendo em vista que os dois estados de coisas são parcialmente simultâneos, como esquematizado na figura 2:

Figura 2 – Causa e consequência superpostas



Fonte: FLORET, 2018, p.64.

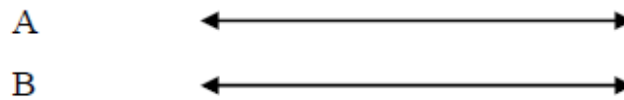
O exemplo (8) ilustra esse tipo de superposição:

(8) Portanto, o Serviço Social surge **porque existe uma questão social emergente**, a qual pode ser interpretada de diversas maneiras (Século XXI - Capitalismo, trabalho e formação profissional).

O estado de coisas expresso na oração causal (*existe uma questão social emergente*) tem que preceder o estado de coisas apresentado na consequência (*o Serviço Social surge*), mas não tem necessariamente um fim. Mesmo com a implantação do serviço social, a questão social não necessariamente deixa de existir.

Além disso, os estados de coisas codificados na causa e na consequência podem se sobrepor inteiramente, ou seja, apresentarem os mesmos limites temporais inicial e final, ocorrendo simultaneamente, como esquematizado na figura 3 e exemplificado em (9):

Figura 3 – Causa e consequência simultâneas



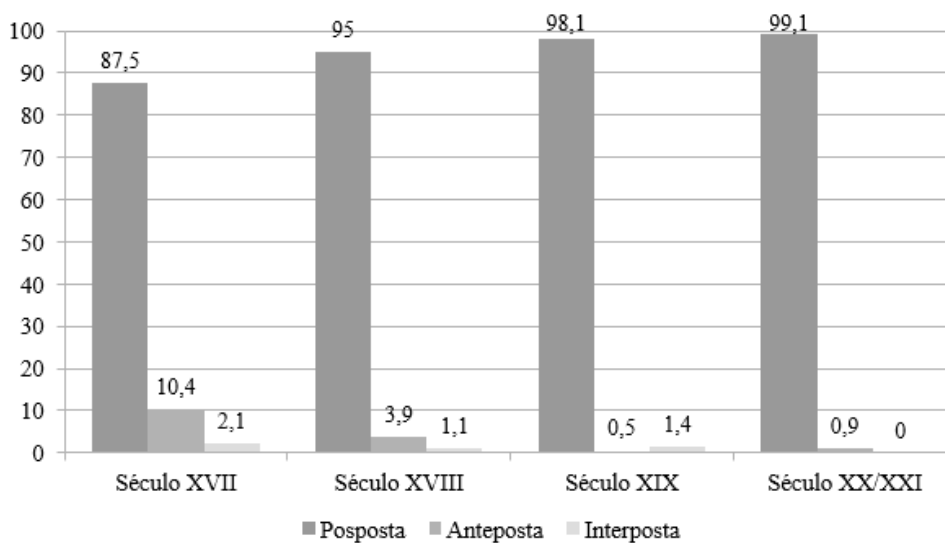
Fonte: FLORET, 2018, p.64.

(9) Existem nematóides de vida livre ou saprófitos e nematóides fitopatogênicos ou parasitas obrigatórios. Os fitopatogênicos são diferenciados *por apresentarem um estilete na região cefálica*. (Século XXI - Manual de desastres).

Em (9), a informação destacada na oração de que os fitopatogênicos apresentam um estilete na região cefálica é um critério definidor de nematóides fitopatogênicos. No exato momento em que essa característica passa a existir, eles passam, também, a se diferenciar, o que evidencia que causa e consequência são simultâneas na linha temporal.

Como mostramos na seção 1, Haiman (1980, 1983) destaca o sequenciamento de eventos no texto como um caso de motivação icônica. Se a língua reflete a forma como representamos a realidade, estados de coisas seriam dispostos no texto conforme sua ocorrência no mundo real: se um estado de coisas X ocorre antes do estado de coisas Y, X precede Y na cadeia linear do discurso. A análise, restrita a relações causais no domínio do conteúdo (referencial), fornece evidências desfavoráveis para essa hipótese. Antes de mais nada, é preciso destacar, porém, que, confirmando resultados de outros estudos diacrônicos (cf. AMORIM, 2017; OLIVEIRA, 2020), a posposição das orações causais encabeçadas por *porque*, a construção mais frequente nos dados analisados, é predominante em todo o período considerado.

Gráfico 1 - Posição das orações causais com *porque*

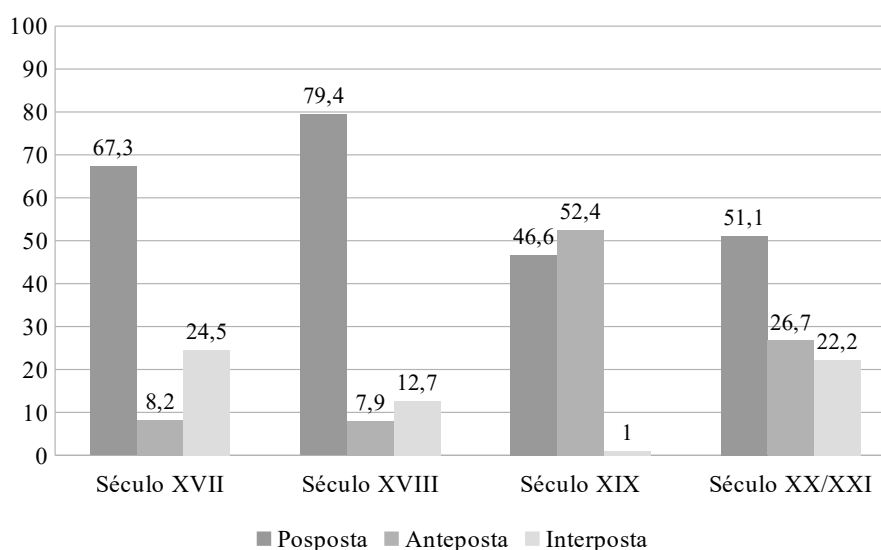


Fonte: FLORET, 2018, p.57.

Já desde o século XVII, as orações com *porque* são predominantemente pospostas, atingindo índice praticamente categórico (99,1%) no estágio atual do português.⁵ Embora apresentem frequência um pouco mais expressiva no século XVII (10,4%), cláusulas causais com *porque* antepostas vão se tornando cada vez mais raras com o passar do tempo. A interposição, por sua vez, mantém um padrão linear ao longo do tempo e não são atestados dados desse tipo nos séculos XX/XXI.

Apesar de mais irregular ao longo do tempo, a posposição se destaca também para as orações causais com *por+infinitivo*, como mostra o gráfico 2.

Gráfico 2 - Posição das orações com *por+infinitivo*



Fonte: FLORET, 2018, p.58.

Cabe salientar também a maior possibilidade de interposição das causais com *por+infinitivo*, correspondendo a 24,5%, 12,7% e 22,2%, para os séculos XVII e XVIII e XX/XXI, respectivamente.

O ponto mais relevante para uma motivação icônica diz respeito à possível correlação entre essa tendência à disposição sintagmática efeito-causa e a sequencialidade entre os estados de coisas relacionados na construção causal. Podemos nos perguntar se construções causais com *porque* e *por+infinitivo* que codificam estados de coisas sequenciais tendem a ocorrer na ordem causa–efeito, ordem que reflete nossa associação entre relação causal e sequencialidade temporal, pressupondo que causas, necessariamente, precedem seus efeitos, como se pode esperar de acordo com o princípio de iconicidade. Estados de coisas sequenciais se dispõem em uma linha do tempo, com o primeiro deles se iniciando antes daquele com que está relacionado. Como já mostrado na seção 1, pode ou terminar antes que o segundo estado de coisas se inicie (figura 1) ou os dois estados de coisas podem

⁵ Amorim (2017) e Oliveira (2020) atestaram essa mesma tendência no período arcaico do Português.

se *superpor* num intervalo da sua duração (figura 2).

De acordo com os resultados da tabela 1⁶, essa expectativa não se confirma no que se refere às orações causais com *porque*.

Tabela 1 – Oração causal com *porque* e sequencialidade temporal

| Sequencialidade Temporal | Século XVII | | Século XVIII | | Século XIX | | Século XX/XXI | |
|--------------------------|-------------|-------------|--------------|-------------|------------|------------|---------------|------------|
| Sequencial | P | 125 = 83,3% | P | 107 = 87,7% | P | 106 = 100% | P | 22 = 100% |
| | A | 21 = 14% | A | 12 = 9,8% | A | 0 | A | 0 |
| | I | 4 = 2,7% | I | 3 = 2,5% | I | 0 | I | 0 |
| | T | 150 | T | 122 | T | 106 | T | 22 |
| Não sequencial | P | 33 = 94,3% | P | 25 = 100% | P | 26 = 100% | P | 26 = 96,3% |
| | A | 0 | A | 0 | A | 0 | A | 1 = 3,7% |
| | I | 2 = 5,7% | I | 0 | I | 0 | I | 0 |
| | T | 35 | T | 25 | T | 26 | T | 27 |

Fonte: FLORET, 2018, p.67.

Segundo os resultados da tabela 1, não há correlação significativa entre posição das orações com *porque* e sequencialidade temporal dos estados de coisas codificados, corroborando os resultados atestados por Paiva (1991, 1995) e Paiva e Braga (2010a) para a modalidade falada do português. Pode-se constatar que, já nos séculos XVII e XVIII, a posposição da oração causal com *porque* atinge índices superiores a 80% em enunciados que codificam estados de coisas sequenciais, contexto em que se torna categórica nos séculos XIX e XX/XXI. A tendência à posposição da oração causal com *porque* é ainda mais saliente nos enunciados que codificam estados de coisas não sequenciais, apresentando valores de frequência acima de 90%. Podemos dizer, portanto, que, ao longo de todo o período em análise, a organização sintagmática das construções causais com *porque* contraria um princípio de iconicidade. No entanto, um aspecto merece destaque: a anteposição da oração causal com *porque*, possibilidade mais marcada, só ocorre nas construções que codificam relação do tipo sequencial (exceto em um dado do século XX/XXI) e apenas nos séculos XVII e XVIII. Essa possibilidade desaparece, porém, nos séculos XIX e XX/XXI, indicando um enrijecimento na posição

6 P = posposição; A = anteposição; I = interposição; T = total

da oração causal introduzida pelo conector *porque*.

Os resultados para as causais com *por+infinitivo* mostram uma tendência semelhante, como se pode constatar na tabela 2.

Tabela 2 – Oração causal com *por+infinitivo* e sequencialidade temporal

| Sequencialidade | Século XVII | | Século XVIII | | Século XIX | | Século XX/XXI | |
|-----------------------|-------------|------------|--------------|------------|------------|------------|---------------|-----------|
| Sequencial | P | 20 = 55,6% | P | 37 = 92,5% | P | 41 = 43,6% | P | 11 = 44% |
| | A | 4 = 11,1% | A | 2 = 5% | A | 52 = 55,3% | A | 8 = 32% |
| | I | 12 = 33,3% | I | 1 = 2,5% | I | 1 = 1,1% | I | 6 = 24% |
| | T | 36 | T | 40 | T | 94 | T | 25 |
| Não sequencial | P | 1 = 100% | P | 0 | P | 4 = 100% | P | 5 = 41,7% |
| | A | 0 | A | 0 | A | 0 | A | 3 = 25% |
| | I | 0 | I | 0 | I | 0 | I | 4 = 33,3% |
| | T | 1 | T | 0 | T | 4 | T | 12 |

Fonte: FLORET, 2018, p.68.

Também para a ordenação das causais com *por+infinitivo* há poucas evidências para a atuação do princípio de iconicidade. Destaque-se, em primeiro lugar que, a quase totalidade dos dados de causais com *por+infinitivo* atestados codificam relações entre estados de coisas sequenciais. Nos séculos XVII e XVIII, há apenas uma ocorrência de relação não sequencial nas construções com *por+infinitivo* e nos séculos XIX e XX/XXI, são raras as ocorrências desse tipo (16 dados).

Nos casos de relação sequencial, observa-se maior variabilidade na posição da oração causal com *por+infinitivo*, ainda que, à exceção do século XIX, a posposição se destaque claramente como a posição mais frequente. No século XVIII, o índice de posposição se torna praticamente categórico, alcançando 92,5% de posposição. Apenas no século XIX, a anteposição da oração causal tende a ser mais favorecida em relações do tipo sequencial, com 55,3%. No entanto, a independência entre o princípio de iconicidade e a posição da causal com *por+infinitivo* fica evidente nos séculos XX e XXI, em que, independentemente da disposição temporal dos estados de coisas codificados, observa-se predomínio da posposição (41,7%), seguindo-se a interposição com 33,3%. Portanto, são fracas as evidências de correlação entre o princípio de iconicidade e a organização sintagmática nas construções causais com *por+infinitivo* ao longo de todo o período analisado. Diferentemente

do esperado, a posposição da cláusula causal é reforçada também para as construções causais com *por+infinitivo* ao longo do tempo, independentemente do tipo de relação temporal entre os estados de coisas relacionados.

As tendências destacadas anteriormente reforçam a posição de Diessel (2005), de que um princípio de iconicidade opera de forma diferenciada na organização dos períodos complexos. Considerando dados do inglês, o autor mostra que, de fato, as orações causais são menos susceptíveis a uma ordenação icônica do que as orações temporais. No entanto, há indicações de que, no português, essa diferença não pode ser atribuída unicamente à relação semântica. Como mostra Paiva (1991) e Paiva e Braga (2010b), o princípio de iconicidade atua de forma mais transparente na organização linear das construções causais com orações justapostas, sem conector.

4. Configuração informacional e posição da oração causal

Como já ressaltado, os diversos trabalhos que defendem uma correlação entre organização sintagmática e estrutura informacional focalizam, especialmente, referentes, codificados, mais frequentemente, por sintagmas nominais. O interesse deste trabalho é, no entanto, o de verificar em que medida a configuração informacional das construções causais com *porque* e *por+infinitivo* se reflete na sua organização sintagmática. Para tanto, tomamos como base o tipo de informação codificada pelo predicado das orações causa e efeito como um todo e não a informação carregada por cada um de seus constituintes. Adotamos na análise a tripartição baseada em critérios discursivos proposta por Prince (1979). Assim, a informação embalada na oração causal e na oração consequência pode ser nova, velha ou inferível, com base nas informações contidas no próprio texto, resultando em diferentes configurações informacionais. O exemplo (10) ilustra uma configuração efeito - informação velha e causa - informação nova.

(10) Em caso de acidente ofídico, compete ao socorrista: manter a vítima deitada, calma e sem fazer movimentos; não permitir qualquer esforço da vítima, **porque** a movimentação facilita a absorção do veneno pelo sangue; (Século XX/XXI - Manual de desastres)

No exemplo (10), a oração efeito “compete ao socorrista não permitir qualquer esforço da vítima” veicula informação velha, já que essa informação está presente no trecho anterior “manter a vítima deitada, calma e sem fazer movimentos”. A informação veiculada pela oração causal “porque a movimentação facilita a absorção do veneno pelo sangue”, por sua vez, é nova, visto que está sendo mencionada pela primeira vez no texto.

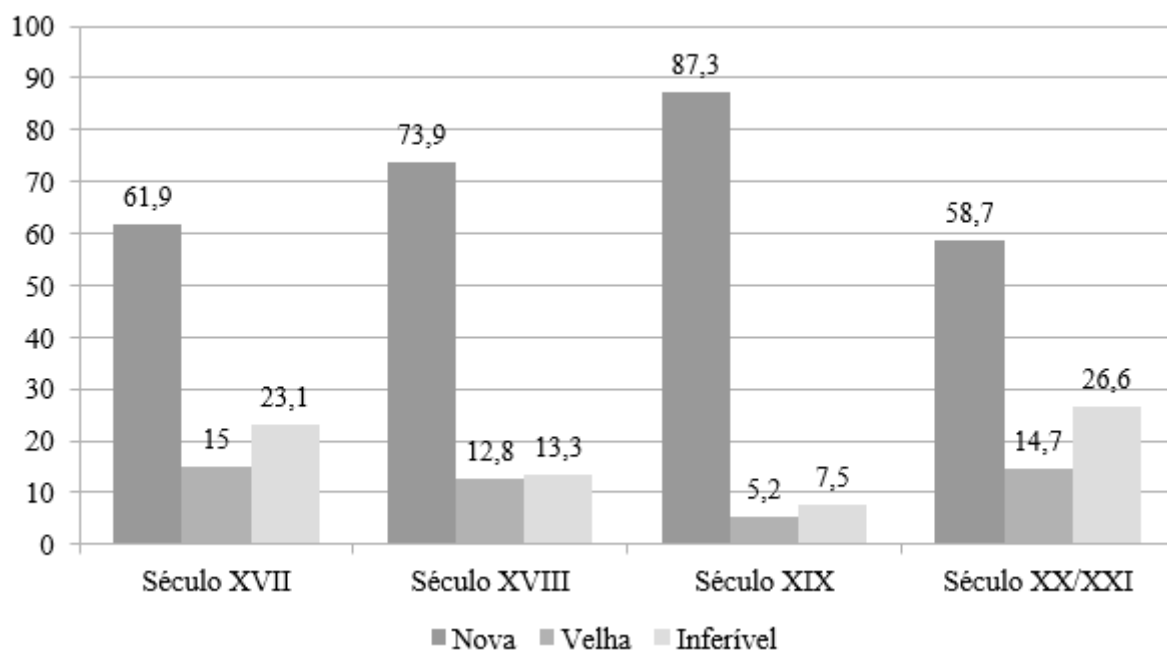
O exemplo (11) ilustra uma configuração com causa nova e efeito inferível.

(11) Foi mais deliberado que se fizesse aniversário na forma do costume. *Por não haver nada mais a tratar* o senhor presidente encerrou a sessão às 11 horas da noite (Século XIX – Atas dos brasileiros).

No exemplo (11), a oração causal “por não haver nada mais a tratar” carrega informação nova, pois esta não havia sido mencionada no texto até então. Já a informação contida na oração efeito “o senhor presidente encerrou a sessão às 11 horas da noite” é considerada inferível, porque, apesar de não ter sido diretamente mencionada no texto, infere-se que, se não há mais nada a ser discutido em uma reunião, esta pode ser encerrada.

Antes de passarmos à análise da correlação entre a organização sintagmática da construção causal e sua configuração informacional é importante destacar que, como mostram os resultados do gráfico 3, tanto no português clássico como no português moderno/contemporâneo, a oração causal introduzida por *porque* tende a codificar, preferencialmente, informação nova.

Gráfico 3 – Informação codificada pela oração causal com *porque*

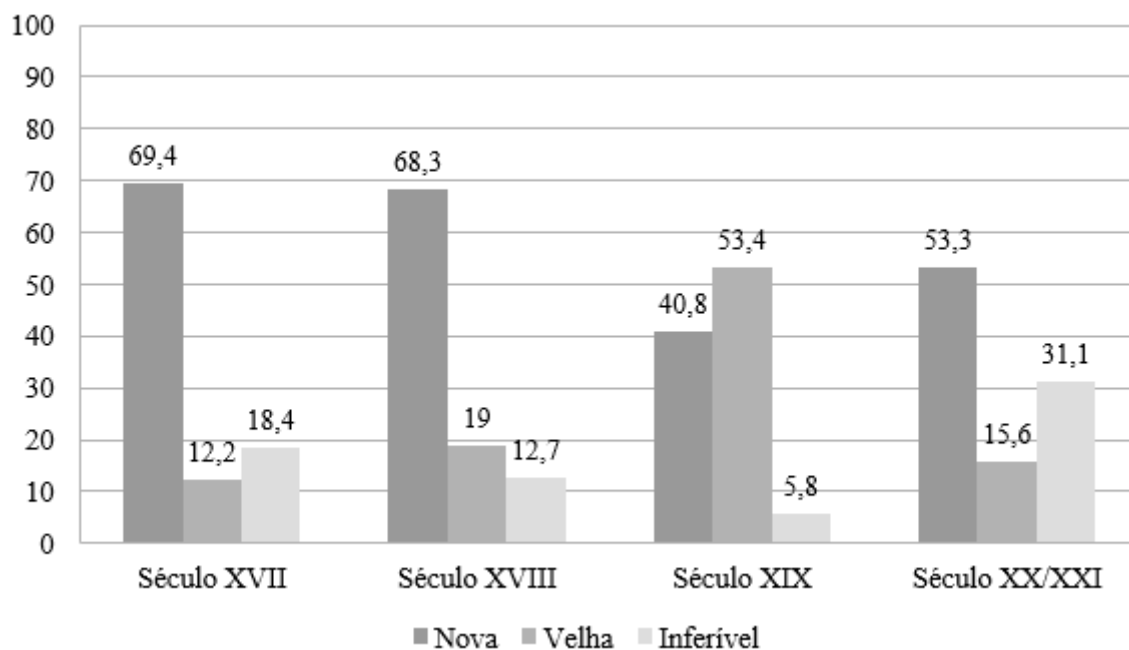


Fonte: FLORET, 2018, p.70.

Ainda de acordo com o gráfico 3, a segunda possibilidade é que a oração causal com *porque* codifique informação inferível, o que fica ainda mais evidente nos séculos XX/XXI. Consequentemente, orações introduzidas por *porque* mais raramente codificam informação velha.

A distribuição para as orações causais introduzidas por *por+infinitivo* é bastante similar, como mostra o gráfico 4:

Gráfico 4 – Informação codificada pela oração causal com *por+infinitivo*



Fonte: FLORET, 2018, p.71.

O gráfico 4 mostra que, assim como as orações com *porque*, as causais com *por+infinitivo* também tendem a codificar informação nova. A segunda possibilidade de maior recorrência para *por+infinitivo* oscila entre informação inferível (séculos XVII e XX/XXI) e velha (século XVIII). O século XIX merece atenção especial, pois se particulariza pela predominância de causal com *por+infinitivo* codificando informação velha. O texto *Atas dos brasileiros* se destaca pela predominância de causais com *por+infinitivo* antepostas.

Como o enunciado causal relaciona dois segmentos discursivos, mais frequentemente duas orações, um ponto central se refere à organização informacional da construção como um todo e sua relação com a posição das orações causa e efeito. De acordo com Chafe (1984), o fluxo informacional do discurso tende a progredir no sentido de informação já dada, partilhada pelos interlocutores para uma informação nova, o que pode ser traduzido no princípio do *ponto de partida leve*. Aplicado à construção causal, uma hipótese possível é a de que, se a oração causal codifica informação velha (ou inferível), ela ocupará a primeira posição (ordenação causa - efeito); ao contrário, se a oração causal codifica informação nova, será posposta (ordenação efeito – causa). Os resultados da análise contrariam essa hipótese, como se pode constatar na tabela 3 para as construções com *porque*, em que foram consideradas apenas as causais pospostas.

Tabela 3 – Posposição da oração causal com *porque* e configuração informacional da construção

| Oração consequência | Oração causal | Século XVII | Século XVIII | Século XIX | Século XX/XXI |
|---------------------|---------------|--------------------|------------------|--------------------|------------------|
| Nova | Nova | 61/73 = 83,6% | 41/42 = 97,6% | 66/69 = 95,6% | 16/17 = 94,1% |
| Velha | Nova | 51/58 = 87,9% | 23/23 = 100% | 6/6 = 100% | 16/16 = 100% |
| <i>Inferível</i> | <i>Nova</i> | 140/161 = 86,9% | 189/201 = 94% | 109/110 = 99,1% | 31/31 = 100% |
| Velha | Velha | 34/37 = 91,9% | 15/15 = 100% | 4/4 = 100% | 7/7 = 100% |
| Nova | Velha | 9/12 = 75% | 2/2 = 100% | 3/3 = 100% | 2/2 = 100% |
| Inferível | Velha | 15/22 = 68,2% | 27/29 = 93,1% | 4/4 = 100% | 7/7 = 100% |
| Inferível | Inferível | 33/34 = 97% | 22/24 = 91,7% | 8/8 = 100% | 11/11 = 100% |
| Nova | Inferível | 32/34 = 94,1% | 7/8 = 87,5% | 6/6 = 100% | 9/9 = 100% |
| Velha | Inferível | 38/41 = 92,7% | 16/16 = 100% | 2/2 = 100% | 9/9 = 100% |

Fonte: FLORET, 2018, p.74.

Considerando a predominância da posposição e de acordo com um princípio de organização do fluxo informacional no sentido velho > novo, esperaríamos maior frequência da configuração efeito velha - causa nova. Essa configuração informacional não é, no entanto, a mais frequente e, além disso, se reduz sensivelmente ao longo do tempo. Por outro lado, ressalta a alta frequência da configuração consequência inferível – causa nova, o que pode ser indicativo de um padrão recorrente da construção causal com o conector *porque*. Se considerarmos que informação inferível se aproxima de informação velha/dada e que essa configuração se traduz sintagmaticamente no padrão oração efeito - oração causal, teríamos algumas evidências favoráveis à hipótese de *ponto de partida leve*. Podemos observar, inclusive, que os índices da sequenciação efeito-causa nessa configuração aumentam, gradativamente, ao longo do tempo, tornando-se categórico nos séculos XX e XXI.

No entanto, uma explicação da tendência à posposição das causais com *porque* em termos do princípio de ponto de partida leve fica enfraquecida pelos resultados constatados para as demais

configurações informacionais. Em configurações como nova-velha, velha-velha, velha-nova e velha-inferível, essa posição é categórica (100%), já desde o século XVIII. Observa-se, ainda, que essa tendência é fortalecida a partir do século XIX, estendendo-se para a grande maioria das configurações informacionais. Não há, portanto, evidências claras de correlação entre a posição da oração causal com *porque* e uma progressão informacional no sentido de informação dada – informação nova.

A independência entre posição da cláusula causal e a configuração informacional da construção se revela também para as orações com *por+infinitivo*, como mostram os resultados da tabela 4.

Tabela 4 – Estatuto informacional das orações da construção causal com *por+infinitivo* e posposição

| Oração conse- quência | Oração causal | Século XVII | Século XVIII | Século XIX | Século XX/XXI |
|--------------------------|---------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
| Nova | Nova | 12/14 = 85,7% | 10/11 = 90,9% | 12/14 = 85,7% | 4/6 = 66,7% |
| Velha | Nova | 0 | 1/1 = 100% | 0 | 0 |
| <i>Inferível</i> | <i>Nova</i> | 8/17 = 47% | 27/31 = 87,1% | 21/28 = 75% | 7/18 = 38,9% |
| Velha | Velha | 0/1 = 0% | 3/4 = 75% | 7/50 = 14% | 1/1 = 100% |
| Nova | Velha | 3/3 = 100% | 1/5 = 20% | 0/2 = 0% | 0/2 = 0% |
| Inferível | Velha | 0/2 = 0% | 4/4 = 100% | 2/3 = 66,7% | 0/4 = 0% |
| Inferível | Inferível | 2/2 = 100% | 2/4 = 50% | 5/5 = 100% | 5/7 = 71,4% |
| Nova | Inferível | 3/4 = 75% | 0/1 = 0% | 0 | 6/7 = 85,7% |
| Velha | Inferível | 3/3 = 100% | 2/3 = 66,7% | 1/1 = 100% | 0 |

Fonte: FLORET, 2018, p.76.

Também para as orações com *por+infinitivo* merece destaque a frequência expressiva da configuração informacional efeito inferível – causa nova, como já constatado para construções com *porque*. Pode ser observado, inclusive, que o índice de posposição da oração com *por+infinitivo* é significativamente mais baixo nessa configuração, principalmente para os séculos XVII (47%) e XX/XXI (38,9%). Os valores atestados para as demais configurações, embora menos expressivos do que os constatados para as orações com *porque* indicam independência entre a posposição das causais com *por+infinitivo* e a configuração informacional da construção. A notar, inclusive, que, embora em

certas configurações o índice de posposição se reduza significativamente, como é o caso para efeito nova – causa velha no século XVIII (20%), a posposição da causal com *por+infinitivo* alcança na maioria dos casos, índices superiores a 60%.

Embora aponte algumas correlações interessantes entre posição da oração causal e estrutura informacional do discurso, a análise não chega a fornecer evidências robustas de uma ação do princípio de distribuição de informação sobre a organização sintagmática das construções causais com *porque* e *por+infinitivo* durante o período de tempo considerado.

5. Discussão e considerações finais

As possíveis mudanças na organização sintagmática das construções causais com *porque* e *por+infinitivo* sob ação dos princípios de iconicidade e distribuição de informação foi verificada através da análise da sequencialidade temporal entre os estados de coisas relacionados pelo elo de causalidade e do estatuto informacional das orações que constituem o enunciado causal. Como ficou evidenciado nos resultados obtidos, são fracas as evidências desses dois princípios funcionais na posição das orações causais encabeçadas pelos conectores *porque* e *por+infinitivo*. Destacou-se, antes de mais nada, que, em todo o período considerado, tanto as orações causais com *porque* como as orações com *por+infinitivo* são predominantemente pospostas à oração efeito, embora as com *por+infinitivo* admitam maior flexibilidade de posição. Do ponto de vista da posição, os dois tipos de orações causais apresentam estabilidade no que se refere à sua posição, pelo menos no espaço de tempo compreendido entre o período clássico e moderno do português. Além disso, contrariando o esperado, essa tendência não pode ser explicada com referência aos dois princípios funcionais focalizados. As orações causais com *porque* e *por+infinitivo* tendem a ser pospostas, independentemente da antecedência ou não do estado de coisas codificado na oração causal e do seu estatuto informacional.

No que diz respeito à sequencialidade temporal, esperávamos que a oração causal fosse anteposta em construções nas quais se relacionam estados de coisas sequenciais, refletindo o pressuposto de sequencialidade, ou seja, de que causas precedem seus efeitos. Verificamos, no entanto, que a oração causal tende a ser posposta independentemente da sequencialidade entre os estados de coisas relacionados, indicando que o princípio de iconicidade opera de forma pouco relevante na organização sintagmática das construções causais com *porque* e *por+infinitivo*.

Quanto ao princípio discursivo de ponto de partida leve, a hipótese colocada previa que a oração causal seria anteposta se codificasse informação velha ou inferível, e posposta se codificasse informação nova. Entretanto, os resultados indicaram que, em todas as configurações informacionais

das construções causais com esses conectores, a posposição é a posição predominante. Um outro ponto que se destaca é a tendência ao enrijecimento da ordem das causais com *porque*: a ordem efeito – causa torna-se mais frequente ao longo do tempo, tornando-se praticamente categórica para quase todas as configurações informacionais no século XX/XXI. Verifica-se, portanto, uma situação de estabilidade na organização sintagmática dos períodos causais com *porque* e *por+infinitivo* no período compreendido entre o português clássico e moderno/contemporâneo.

Este estudo recobre um espaço de tempo mais recente. Considerando, no entanto, resultados de outros estudos, como o de Amorim (2017) e de Oliveira (2020), uma conclusão que se impõe é a de que, desde o período clássico, as orações causais com *porque* e *por+infinitivo* assumem uma posição *default* que se consolida ao longo do tempo e se torna uma ordem *default* no português falado contemporâneo, como já atestado por Paiva (1991). Parece se confirmar, portanto, a explicação avançada pela autora (op. cit.) para a predominância da ordem efeito – causa nas construções com *porque*. Segundo ela, a função básica dessas orações causais é introduzir informação nova no discurso, fazendo progredir o fluxo do texto. Como o local de introdução de informação nova é a margem direita da oração, a oração que ele introduz tende a se fixar nessa posição, cristalizando uma ordem pragmaticamente não marcada⁷, em que a oração causal constitui o foco. Tudo indica que essa explicação pode ser estendida também aos períodos com *por+infinitivo*, um conector que partilha várias propriedades com *porque*, dentre elas a de partilharem muitos contextos de ocorrência.

A explicação anterior coloca em relevo a importância da frequência de uso, um parâmetro central para os Modelos Baseados no Uso, como proposto por Kemmer e Barlow (2000), Bybee (2003, 2010) e Cunha et al (2013). A força da repetição permite uma associação entre uma posição e uma determinada função discursiva, podendo mesmo obscurecer o efeito de princípios funcionais mais gerais de organização sintagmática.

Evidentemente, como enfatiza Diessel (2001), diferentes motivações competem no posicionamento das orações que introduzem causa, tempo ou condição. Além de aspectos relacionados à natureza informacional da oração, fatores ligados à forma de processamento e fatores semânticos específicos de cada uma dessas relações interagem e podem mesmo competir na instanciação de diferentes formas de ordenação. Na perspectiva do autor, se a posposição da oração causal pode, pelo menos em parte, ser devida à sua natureza focal, ela é motivada igualmente por um princípio segundo o qual asserções são mais facilmente processáveis em posição final. Essa interação entre motivações de níveis distintos constitui uma outra via possível de compreensão não só do uso das orações causais

7 Para o conceito de ordem pragmaticamente não marcada, ver Dryer (1995).

com *porque* e *por+infinitivo* como também da forma como podem ocorrer mudanças de organização sintagmática.

Referências

AMORIM, Fabrício da Silva. *Gramaticalização de conectores causais na história do português*. 2017. 211f. Tese (Doutorado em estudos linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017.

BARRETO, Therezinha Maria. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 736f. 1999. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BRAGA, Maria Luiza.; PAIVA, Maria da Conceição de. Gramaticalização e sociolinguística variacionista: o tratamento das construções introduzidas por *por*. In: LIMA, Maria Auxiliadora F. et alii. *Colóquios linguísticos e literários: enfoques epistemológicos, metodológicos e descritivos*. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2011a, p. 125-153. _____. Gramaticalização e gramática de construções: estabilidade e instabilidade das construções complexas de causa em tempo real. *Letras & Letras*, Uberlândia, MG, v. 27, p. 51-70, 2011b.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In.: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard D. (ed.) *The Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003, p.602 – 623.

_____. *Language, usage and cognition*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.

CHAFE, Wallace. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, Charles N. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976, p. 27 – 55.

_____. How people use adverbial clauses. In: BRUGMAN, Claudia; MACAULAY, Monica (ed.). *The proceedings of the tenth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984, p. 437 – 449.

CLARK, Herbert H.; HAVILAND, Susan E. Comprehension and the Given – New Contract. In: FREEDLE, Roy O. (ed.). *Discourse production and comprehension*. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1977, p. 1 – 40.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; BISPO, Edvaldo Baduíno; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário*

Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p. 13 – 39.

DIESSEL, Holger. The ordering distribution of main and adverbial clauses: a typological study. *Language* 77, p. 345 – 365, 2001.

_____. Competing motivations for the ordering of main and adverbial clauses. *Linguistics* 43, p. 449 – 470, 2005.

DRYER, Matthew S. Frequency and pragmatically unmarked word order. In: NOONAN, Michael; DOWNING, Pamela. (ed.). *Word order in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1995, p. 105 – 135.

FLORET, Mayra França. *Posição e status informacional de orações com porque e por+infinitivo no português clássico*. 2016. 32f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

_____. *A ordenação das construções causais com porque e por+infinitivo no Português clássico e contemporâneo*. 2018. 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

HAIMAN, John. The iconicity of grammar. *Language*, 56, p. 515-540, 1980.

_____. Iconic and economic motivation. *Language*, 59, p.781-819, 1983.

KEMMER, Suzanne; BARLOW, Michael. Introduction: A Usage-based Conception of Language. In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne. (ed.) *Usage based models of language*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

KORTMANN, Bernd. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1997.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge, Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica – ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, Maria Helena Moura. As construções causais. In: _____ (org.), *Gramática do português falado* (Volume VII: Novos Estudos). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 461-496.

OLIVEIRA, Bruno Araújo. *A evolução da rede de construções causais do português*. 2020. 226f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. 1991. 239f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

_____. *Cláusulas causais: iconicidade e funcionalidade*. Campinas: Caderno de estudos linguísticos, p. 59 – 68, 1995.

_____. Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. In: MACEDO, Alzira Tavares de. *Variação e discurso*. 1ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996, p. 63 – 74.

_____. As orações de causa no português. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (ed.), *Estudos de gramática portuguesa* (II). Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 149-165.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora; BRAGA, Maria Luiza. Cláusulas causais introduzidas por porque: da sintaxe ao discurso. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, v. 1, 2010^a, p. 55-71.

_____. Juxtaposition et coordination: deux formes de parataxe? In: BÉGUÉLIN, Marie-José; AVANZI, Mathieu; CORMINBOEUF, Gilles. (ed.). *La Parataxe*. Tome 1: Entre dépendance et intégration (Collection Sciences pour la communication). Berne: Peter Lang, 2010b, p. 313-332.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Mudança linguística: observações em tempo real. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 179 – 190.

PRINCE, Ellen F. On the given/new distinction. *Papers from the 15th Regional meeting of the Chicago Linguistic Society*, p. 267-278, 1979.

RAFAJLOVICOVÁ, Rita. Variation of Clause Patterns – Reordering the information in a message. In: KACMÁROVÁ, Alena. (ed.) *English matters: a collection of papers by the Department of English language and Literature faculty*. Presov: University of Presov, 2010, p. 30 – 36.

SCHIFFRIN, Deborah. Multiple constraints on discourse options: a quantitative analysis of causal sequences. *Discourse processes* 8, p. 281 – 303, 1985.

SILVA, Maria José Ferreira da. *Propriedades sintáticas e discursivas das orações com porque*. 2008. 115f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.